

Série Bom Livro



Graça Aranha
CANAÃ

TEXTO INTEGRAL

Cotejado com a 7ª edição revista (Garnier, 1922).

Canaã

Diretor editorial	Fernando Paixão
Assessoria editorial	Mario Vilela
	Mauro Souza Ventura
Colaboração pedagógica	Nilson Joaquim Silva
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisora	Cátia de Almeida

Arte

Projeto gráfico	Ary A. Normanha
Editor	Marcello Araujo
Ilustração da capa	Getulio Delfin
Pesquisa Iconográfica	Iconographia
Editoração eletrônica	ZinPan editoração e Designers Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A68c

Aranha, Graça, 1868-1931

Canaã / Graça Aranha. - 4.ed. - São Paulo : Ática, 1998.
200p. : - (Bom Livro)

Inclui apêndice
Contém suplemento de leitura
ISBN 978-85-08-06392-5

1. Romance brasileiro. I. Título. II. Série.

11-5089.

CDD 869.93
CDU 821.134.3(81)-3

ISBN 978 85 08 06392-5

CL: 730360

CAE: 230126

2018

4ª edição

10ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902

Atendimento ao cliente: (0xx11) 4003-3061

atendimento@aticascipione.com.br – www.aticascipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Uma obra de ficção sociológica

Antonio Arnoni Prado
da Universidade de Campinas

Diante de um livro como *Canaã*, a nossa primeira reação é de dúvida: será mesmo um romance ou se trata, na verdade, de um escrito de outro gênero? Afinal José Pereira de Graça Aranha (1868-1931), o seu autor, mais do que ficcionista, foi um homem de ideias, um diplomata acostumado ao cosmopolitismo das grandes capitais da Europa, para onde seguiu a convite de Joaquim Nabuco e de onde retornaria em 1922 com o projeto de romper com o que considerava o *marasmo da vida intelectual brasileira* e em seguida chefiar a *revolução modernista* que, como se sabe, teve lugar em São Paulo em fevereiro daquele ano.

Se lermos com cuidado o que nos dizem os críticos e historiadores sobre a participação

de Graça Aranha no movimento modernista, veremos no entanto que, apesar de muito importante, a sua presença ao lado dos jovens da Semana de Arte Moderna limitou-se ao incentivo e ao prestígio inegável que ele, um autor já então consagrado, não hesitou em pôr à disposição dos moços a ponto não apenas de ter participado das noites tumultuadas do Teatro Municipal, como também de ter rompido espetacularmente com a Academia Brasileira de Letras, em 1924, ao recusar publicamente a condição de escritor acadêmico para alinhar-se ao lado dos modernistas.

Terá sido efetivamente um homem de vanguarda no sentido em que o foram Mário e Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade? A resposta a esta pergunta é que

nos revela a importância de ler um livro como *Canaã* para bem compreender o lugar e a contribuição de Graça Aranha nessa etapa da transição das nossas letras que contrapôs a literatura do fim do século ao projeto renovador deflagrado em São Paulo no começo da década de 1920.

A modernidade dessa obra de *ficção sociológica*, que, publicada no ano de 1902, foi reconhecida na Europa antes mesmo que no Brasil, decorre do fato de que trazia ao debate um problema que um homem como Gilberto Freyre considerava *dramático* para o Brasil do começo do século e que, em muitos aspectos, ainda hoje nos preocupa. Este problema refere-se à nossa capacidade ou não de, assimilando a influência estrangeira, manter a integridade da nossa cultura, sem correr o risco de nos descaracterizar enquanto povo e enquanto nação.

Por esse lado, como se vê, o tema de *Canaã* é um tema que dialoga com o projeto dos primeiros modernistas, interessados, particularmente a partir da obra de Mário de Andrade, de Raul Bopp e dos manifestos de Oswald de Andrade, em *deglutir* a influência estrangeira e substituí-la pela pesquisa dos motivos autênticos da nossa expressão primitiva. Isso, entretanto, não significa que Graça Aranha seja um autor de vanguarda e muito menos que *Canaã* seja um ro-

mance modernista. Ao contrário, sempre que a ele se referem, os principais protagonistas da Semana, entre eles Oswald e o próprio Mário de Andrade, fazem questão de guardar distância e de destacar o estilo solene que dava à expressão simpática da sua figura, sempre aberta ao entusiasmo dos jovens, um ar de medalhão, de homem discursivo, em tudo oposto aos ideais renovadores que eles então perseguiram.

Segundo o poeta Manuel Bandeira, o entusiasmo excessivo que Graça Aranha demonstrou pela literatura dos jovens de então resultava de um movimento de aproximação “*que foi mais dele para os rapazes do que destes para ele*”. O problema — nos diz Bandeira — é que esse esforço para se aproximar dos processos modernos acabou prejudicando os seus dons naturais de romancista, a tal ponto — explica — “*que a sua obra teria sido maior se fosse construída no mesmo espírito de Canaã que afinal ficará como a única que é extremamente sua*”, já que nas outras, *Malazarte* e *A viagem maravilhosa*, por exemplo, ele deixou, segundo o poeta, de ser espontâneo para escrever num estilo artificialmente modernista.¹

¹ Manuel Bandeira. “Graça Aranha” in *Autores e Livros*. Suplemento Literário de *A Manhã*. Rio de Janeiro, 29 mar., 1942. vol. B, p. 155.

Moderno pelo tema, original e espontâneo em seu estilo, *Canaã*, sem ser propriamente um romance modernista, é uma obra importante para o conhecimento de uma questão decisiva na formação da sociedade brasileira: o tema da nossa sobrevivência enquanto povo e o da nossa identidade cultural enquanto civilização. Ele nos conta a saga da colonização alemã na região de Cachoeiro do Espírito Santo e, dentro dela, o destino de dois imigrantes alemães, Milkau e Lentz, em seu contato com a natureza, com os nativos da nova terra e em particular com a gente da sua colônia.

Graça Aranha opõe Milkau a Lentz e, a partir daí, elabora uma tese, bem ao gosto da estética naturalista, que é certamente uma de suas influências. Esse primeiro plano de oposição é claramente *ideológico* e um crítico importante como Alfredo Bosi resumiu bem o que Graça Aranha pretende com isso: mostrar em Lentz o profeta da “*vitória dos arianos, enérgicos e dominadores, sobre o mestiço, fraco e indolente*” e, em Milkau, o porta-voz da “*integração harmoniosa de todos os povos na natureza maternal*”, valendo as palavras de Lentz como uma espécie de glorificação da moral do mais forte que, no romance, caracteriza o europeu instruído e fami-

liarizado com a ciência de seu tempo.² Graça Aranha acreditava — e mostrou isso num outro livro denominado *A estética da vida*, escrito em 1920 — que só integrado ao todo universal o homem superaria os seus instintos primitivos para atingir a plena realização espiritual.

Em *Canaã* ele trabalha essa hipótese desenvolvendo um segundo plano de oposições em que as personagens nativas são como que testadas em sua capacidade de resistir e de conviver com o homem civilizado. Esse é propriamente o plano ficcional que sustenta o andamento do livro e veremos que nele o narrador aprofunda certos contrastes que mostram bem a precariedade da vida local, entre os quais o primitivismo das condições de trabalho e da ordem social, o despreparo das autoridades, retratadas, por exemplo, na ingenuidade do agrimensor Felicíssimo e nas arbitrariedades da Justiça, cujos agentes, como o Pantoja, o dr. Brederodes, o dr. Itapecuru, nada mais refletem que a inaptidão dos nativos para conviver com os códigos da vida organizada.

No entanto, é nesse plano que os extremos se tocam, pois ao mesmo tempo em que esse quadro

² Alfredo Bosi. “Um espírito aberto: Graça Aranha.” in *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo, Cultrix, 1970, p. 360 ss.

define o pessimismo (e a falta de fé no Brasil) de uma personagem importante como o bacharel Paulo Maciel, fascinado pela Europa e amargurado com a própria sorte, Graça Aranha, através de Milkau, procura ver o Brasil de fora para dentro, na exuberância da terra e da natureza. E aqui o romance desenvolve uma de suas ideias centrais: a de que o Brasil precisava de uma revolução que o integrasse a um novo destino. Essa ideia, que o aproximou do projeto dos modernistas e que aparece no livro simbolizada pela integração de Milkau em seu novo ambiente, desdobra-se no idílio entre este e Maria, uma colona infeliz que ele livra do cárcere para seguir em busca da felicidade só encontrável nesta nova terra da promessa.

Essa ideia da liberdade e da realização humana do nativo

dos trópicos, fundamental no argumento do livro, completa-se com o plano documental em que ganha relevo o talento descritivo de Graça Aranha, não apenas pela reconstrução literária da paisagem, mas particularmente por alguns episódios já celebrizados pelas antologias, como é o caso do ritual de sacrifício do cavalo pelos magiares, da morte do filho recém-nascido de Maria, devorado pelos porcos selvagens em pleno campo, bem como o do ataque dos cães aos homens do agrimensor Felicíssimo, na cena em que tratam de resgatar o cadáver do velho colono que vivia apartado de todos. Painei, no dizer de um crítico, suficiente para compor *“uma obra essencial a quantos desejam compreender, através da ficção sociológica, o Brasil e os brasileiros”*.

SUMÁRIO

I	■	11
II	■	33
III	■	47
IV	■	67
V	■	80
VI	■	106
VII	■	129
VIII	■	146
IX	■	159
X	■	175
XI	■	185
XII	■	190

■ VIDA & OBRA DE GRAÇA ARANHA

Um intelectual de espírito aberto

CANAÃ

■

Milkau cavalgava molemente o cansado cavalo que alugara para ir do Queimado à cidade do Porto do Cachoeiro, no Espírito Santo.

Os seus olhos de imigrante pasciam na doce redondeza do panorama. Nessa região a terra exprime uma harmonia perfeita no conjunto das coisas: nem o rio é largo e monstruoso precipitando-se como espantosa torrente, nem a serra se compõe de grandes montanhas, dessas que enterram a cabeça nas nuvens e fascinam e atraem como inspiradoras de cultos tenebrosos, convidando à morte como um tentador abrigo... O Santa Maria é um pequeno filho das alturas, ligeiro em seu começo, depois embaraçado longo trecho por pedras que o encachoeiram, e das quais se livra num terrível esforço, mugindo de dor, para alcançar afinal a sua velocidade ardente e alegre. Escapa-se então por entre uma floresta sem grandeza, insinua-se vivaz no seio de colinas torneadas e brandas, que parece entregarem-se complacentes àquela risonha e úmida loucura... Elas por sua vez se alteiam graciosas, vestidas de uma relva curva que suave lhes desce pelos flancos, como túnica fulva, envolvendo-as numa carícia quente e infinita. A solidão formada pelo rio e pelos morros era naquele glorioso momento luminosa e calma. Sobre ela não pairava a menor angústia de terror.

Absorto na contemplação, Milkau deixava o cavalo tomar um passo indolente e descontraído; a rédea caía frouxa sobre o pescoço do animal, que balançava moroso a cabeça, baixando de quando em quando as pálpebras pesadas e longas sobre os olhos viscosos. Tudo era um abandono preguiçoso, um arrastar lânguido por entre a tranquilidade da paisagem. Os humildes ruídos da natureza contribuía para uma voluptuosa sensação de silêncio. A aragem mansa, o sussurro do rio, as vozezinhas dos pequeninos insetos ainda tornavam mais sedativa e profunda a inquebrantável imobilidade das coisas. Interrompia-se ali o ruído incessante da vida, o movimento perturbador que cria e destrói; o próprio sol nascente vinha erguendo-se repousado na calmaria da noite e os seus raios não tinham ainda a potência de alvoroçar as entranhas da terra sossegada. Milkau caía em longa cisma, funda e consoladora. Quem não esteve em repouso absoluto, não viveu em si mesmo; no turbilhão a sua boca proferiu acentos que não percebia; hoje, sereno, ele mesmo se espanta do fluido perturbador que emanava dos seus nervos doloridos e maus. As eternas, as boas, as santas criações do espírito e do coração são todas geradas nas forças misteriosas e fecundas do silêncio...

Na frente do imigrante vinha como guia um menino, filho de um alugador de animais no Queimado. O pequeno, muito enfasiado daquela viagem e do companheiro, deixava-se conduzir pelo seu velho cavalo. Umaz vezes, soltava uma palavra que ficava morta no ar; outras, para se expandir, resmungava com o animal, esporeava-o e o fazia galopar descompassado e arquejante. Milkau nesses momentos atentava no menino e se compungia diante da trêfega e ossuda criança que era essa, rebento fanado de uma raça que se ia extinguindo na dor surda e inconsciente das espécies que nunca chegam a uma florescência superior, a uma plena expansão da individualidade. E o viajante saía da contemplação, surgia do fundo dos seus pensamentos, e chamando a si o pequeno:

— Então, vens sempre ao Cachoeiro?

— Ah!... disse o menino como que espantado de ouvir uma voz humana... Venho sempre quando há freguês; ainda anteontem vim, mas desde muito não chegava ninguém da Vitória. Também choveu tanto estes dias!...

— De que gostas mais: da tua casa ou da cidade?

— Da cidade, nhor sim.

— Teu serviço em casa de teu pai é só acompanhar os passageiros para o Cachoeiro? continuou Milkau no seu interrogatório, que despertava e alegrava a criança.

Esta respondeu-lhe agora prontamente:

— Ah! nhor não!

— Que fazes então?

— A gente ajuda o pai... Às vezes, de madrugada, vamos para a pescaria levantar a rede. Hoje, antes do patrão chegar, estávamos já de volta... Também foi só cocoroca¹ e um pinguinho... Só quatro... O rio está escasso. Seu Zé Francisco diz que é porque a água está fria, mas tia Rita diz que agora é tempo de lua e a mãe-d'água² não deixa o peixe sair. O melhor é pescar com bombas; mas o subdelegado não consente e a gente tem que se cansar por nada.

— Aí no Queimado vocês não têm carne?

— Ah! nhor sim, carne-seca na venda do pai, mas é para a freguesia. Nós comemos peixe, e, quando falta, a gente bebe mingau...

Continuavam a marchar pela estrada adentro. A paisagem não variava no desenho; apenas o sol começava a incendiar o espaço. Milkau fitava com bondade o pequeno guia; este sorria agradecido, abrindo os lábios des-

¹ *Cocoroca*. O mesmo que *corcoroca*, forma sincopada de *corocoroca*, espécie de peixe com carne de qualidade inferior. (N.E.)

² *Mãe-d'água*. Ente fantástico, espécie de sereia de rios e lagos. (N.E.)

corados, mostrando os dentes verdes e pontiagudos, como afiada serra; mas o rosto macilento se esclarecia com a grande doçura de uma longa resignação de raça.

— Quanto falta para chegarmos, meu filho? perguntou ainda o viajante.

— Mais da metade do caminho; ainda não se avista a Fazenda da Samambaia, e de lá à cidade é o mesmo que para o Queimado.

— Tu voltas logo para casa, ou queres descansar um pouco? Fica até à tarde...

— Oh! patrão... O pai diz que eu volte já; hoje é dia de ir com a mãe fazer lenha, após tratar dos animais, consertar a rede que a canoa de seu Zé Francisco arrebentou esta madrugada; e nós vamos à noite, antes da lua aparecer, deitar a rede, porque hoje, se a água estiver quente, é noite de peixe... O pai disse.

O imigrante compadecido testemunhava naqueles nove anos do desgraçado a assombrosa precocidade dos filhos dos miseráveis. O pequeno, animado pela conversa, alinhava-se garboso no velho cavalo, empunhava as rédeas com firmeza, fincava as pernas de esqueleto e punha o animal num trote esperto. Milkau acompanhava instintivamente essa atividade, e os dois, assim, fugitiva ligação da piedade e da miséria, avançavam pelo caminho afora.

Pouco tempo depois, numa curva da estrada, o menino apontou para diante e voltando-se disse ao companheiro:

— Estamos na Samambaia.

Lá no alto da colina um casarão pardacento misturava-se à bruma azul-acinzentada do longe, e à medida que Milkau prosseguia, o horizonte se ia estreitando, o morro na frente tapava a estrada, e parecia que esta, estirando-se num esforço, ia morrer sobre ele. Os viajantes margeavam ora o cafezal plantado na encosta das colinas, ora a roça de mandioca na baixada. A terra era cansada e a plantação medíocre; ao cafezal faltava o matiz verde-chumbo, tradução da força da seiva, e coloria-se de um verde-claro, brilhando aos tons dourados da luz; os pés de mandioca finos, delgados, oscilavam, como se lhes faltassem raízes e pudessem ser levados pelo vento, enquanto o sol esclarecia docemente o grande céu e o ar era cheio dos cantos do rio e das vozes dos pássaros, que prolongavam a ilusão da madrugada. Sentia-se, ao contemplar aquela terra sem forças, exausta e risonha, uma turva mistura de desfalecimento e de prazer mofino³. A terra morria ali como uma bela mulher ainda moça, com o sorriso gentil no rosto violáceo, mas extenuada para a vida, infecunda para o amor.

³ *Mofino*. Desditoso, infeliz. (N.E.)

Milkau e o guia chegaram a uma porteira que fechava a estrada no trecho em que esta cortava as terras da Samambaia. O menino empurrou a cancela e com uma das mãos foi abrindo-a, enquanto ela rangia com um grito agudo. Milkau passou, e atrás dele uma pancada surda cerrou a estrada. Esta, logo ao penetrar nas terras da fazenda, descrevia uma curva que abraçava o vale e se aproximava da barranca do rio. O caminho barrento, pegajoso e úmido, cheio de sulcos de carro de boi, desprendia um cheiro de lama e estrume. Da estrada pelo morro acima o terreno era inculto, coberto de mata-pasto crescido, e sobre ele viam-se bois agitando com o movimento inquieto das cabeças a sineta que traziam ao pescoço, bufando e catando insofridos a erva. Desenhava-se sob a pele dos pobres animais a rija ossadura⁴. Faziam-lhes companhia aves de mau agouro, anuns que trepavam nas suas costas de esqueletos, piando como pássaros da morte.

Quando Milkau se viu em frente à casa, largou esquecidas as rédeas do cavalo e pôs-se a mirar em torno. O casarão, à vista agora, era grande e acachapado, com uma imensa varanda em volta, sem janelas, e para onde se abriam as desbotadas portas do interior. Fora branco, mas estava enegrecido, com uma cor parda e desigual; aqui e ali o bolor sobre as paredes traçava estranhas e disformes visagens; da varanda descia uma escada de madeira já com falta de degraus e com os corrimãos arrancados; na frente, crescia livre a erva com touceiras de mato rasteiro, apenas cortado pelas picadas que levavam da estrada e de outras direções à casa de vivenda. Ao lado, uma capela, havia muitos anos fechada, guardando no seu silêncio a voz da devoção, que por ali passara, transformada em ignorado e misterioso relicário de antigas imagens de santos, talvez belezas ingênuas de uma arte primitiva, simples e religiosa. E dentro da igreja, velados pelas divindades enclausuradas, jaziam no chão sagrado os túmulos de senhores e de escravos, iguados pela morte e pelo esquecimento...

O cavalo de Milkau continuava a passo, o guia bocejava indiferente e, erguendo uma perna, alçava-a sobre a sela num gesto de resignação. Voltando-se para a casa, viu um vulto que chegava à soleira da varanda, reconheceu-o e disse vagarosamente ao companheiro:

— Lá está seu Coronel Afonso.

Milkau cumprimentou, tirando cortesmente o chapéu; o homem lá no alto correspondeu, erguendo indolente o sombreiro de palha. O dono da fazenda, de pés nus, calça de zuarte, camisa de chita sem goma, parecia, com a barba branca, muito velho, atestando na alvura da tez a pureza da geração. A fisionomia era triste, como se ele tivesse consciência de que sobre si recaía o peso do descalabro da raça e da família; o olhar,

⁴ *Ossadura*. O mesmo que *ossatura*. (N.E.)

turvo, apagado para os aspectos da vida como o de um idiota; o esgotamento das suas faculdades, das emoções e sensações era completo e o reduzira a uma atitude miseranda de autômato. Mas, ainda assim, ele representava a figura humana, a mesma vida superior envolta na queda das coisas, arrastada na ruína geral. E não há quadro mais doloroso do que este em que a ação do tempo, a força da destruição não se limita somente às tradições e aos inanimados, mas envolve no descabro as pessoas, e as paralisa e fulmina, fazendo delas o eixo central da morte e aumentando a sensação desoladora de uma melancolia infinita.

Quase à beira do caminho estava a casa do forno, onde se preparava a farinha. Era um velho barracão coberto de telha carcomida e negra, sobre a qual um limo verde crescia, qual espessa e microscópica floresta. No interior estava armada a bolandeira⁵, como uma sobrevivência das antigas moendas, e ao lado a roda onde no tempo do serviço se ralava a mandioca. Havia também dois tachos em que se mexia a farinha pelo processo rudimentar das pás. Eram de cobre e destoavam do resto da engenhoca. Milkau notou, além disso, no grande desleixo da casa abandonada, restos de maquinismos espalhados pelo chão, tubos, caldeiras, rodas dentadas, atestando ter havido ali uma instalação melhor, que o homem, caindo de prostração em prostração, perdendo todo o polido de uma civilização artificial, abandonara agora em sua decadência, para se servir dos aparelhos primitivos que se harmonizavam com a feição embrutecida do seu espírito.

Milkau prosseguia pela estrada, abrangendo ainda com os olhos o quadro dessa triste fazenda. O vulto do coronel ficava imóvel na soleira da escada, presidindo com o olhar pasmado ao desmoronar silencioso daqueles restos de cultura, esperando na lúgubre atitude do inconsciente a lenta invasão do mato, que numa desforra triunfante vinha vindo, circunscrevendo, apertando o homem e as coisas humanas...

Os viajantes continuavam a mover-se dentro daquela paisagem onde as forças da vida parecia estarem paralisadas e onde tudo tinha a fixidez e a perfeição da imobilidade, quando, quebrando o caminho à direita, eles enfrentaram quase subitamente com um rancho de moradores. Era um pardieiro armado em cruz, coberto de palha cujas línguas se projetavam desordenadas da cumeeira. O pequeno guia adiantou-se para a casa, instintivamente, como movido por longo hábito. À porta do rancho um velho cafuzo com os olhos nevoados fitava vagamente o espaço, encostado ao moirão: apenas trajava uma usada calça, o tronco estava nu, e sob a pele ressequida desenhava-se a envergadura de um esqueleto de atleta; sobre o dorso, como em moribundo cepo de árvore, crescia uma penugem branca

⁵ *Bolandeira*. Grande roda dentada do engenho de açúcar. (N.E.)

encaracolada, que subia até ao queixo e formava uma rasteira barba. A sua postura era de adoração rudimentar, de um nunca terminado pasmo diante do esplendor e da glória do mundo.

No batente da porta sentava-se uma mulata moça. Toda ela era a própria indolência. Os cabelos não penteados faziam pontas como chifres, a camisa suja caía à toa no colo descarnado, e os peitos de muxiba⁶ pendiam moles sobre o ventre; em pé, ao seu lado, um negrinho vestido apenas de um cordão ao pescoço, donde se dependuravam uma figa de pau e um signo de salomão⁷, mirava embasbacado os cavaleiros que se achegavam ao tijupá⁸.

Milkau cumprimentou o grupo, que sem o menor alvoroço o deixava aproximar-se. Apenas o velho disse, respondendo à saudação:

— Se apeie, moço.

— Não, obrigado. Quero chegar cedo...

— Eh! meu sinhô, daqui ao Cachoeiro é um instantinho. Olhe só... vencendo duas curvas do rio, está-se na cidade...

Depois o velho, como se refletisse um momento e sentisse despertar em si uma ânsia de comunicabilidade, insistiu com Milkau para que se apeasse. O guia não esperou mais, pulou da sela, e, abandonando o seu cavalo, segurou pelo freio do do viajante, enquanto este punha o pé em terra e bocejava numa satisfação de repouso.

O estrangeiro apertou a mão calosa e áspera do velho, que abriu os lábios numa rude expressão de riso, mostrando as gengivas roxas e desdentadas. A cafuza não se mexeu; apenas, mudando vagarosamente o olhar, descansou-o, cheio de preguiça e desalento, no rosto do viajante. A criança acolheu-se a ela boquiaberta, com a baba a escorrer dos beiços túmidos.

Da porta Milkau via claramente o interior da habitação. A cobertura era alta no centro e pendia em declive tão rápido para os lados que nas extremidades um homem não podia ficar em pé; a mobília miserável e simples compunha-se de uma rede cor de urucu⁹ armada num canto, de outra dobrada em rolo e suspensa num gancho, uma esteira estendida no chão de soque¹⁰, dois banquinhos rasteiros, um remo, molhos de linha de pescar e alguns pobres instrumentos de lavoura. Uma pequena divisão de palha, como um biombo fixo, separava um dos cantos da peça, formando um quarto, onde se viam uma esteira e uma espingarda. No fundo, a porta abria

⁶ *Muxiba*: Pelancas. (N.E.)

⁷ *Signo de salomão*: O mesmo que *estrela de davi*, estrela de seis pontas, formada pela união de dois triângulos equiláteros entrelaçados. (N.E.)

⁸ *Tijupá*: Palhoça no meio da mata. (N.E.)

⁹ *Urucu*: Tintura extraída da polpa do fruto do urucuzeiro. (N.E.)

¹⁰ *Chão de soque*: Chão socado ou pilado. (N.E.)

para uma clareira do mato, na qual uma touça de bananeiras se multiplicava, e junto a essa porta pedras negras, que se misturavam a restos de tições apagados, indicavam a cozinha.

— Mora aqui há muito tempo? perguntou Milkau.

— Fui nascido e criado nessas bandas, sinhô moço... Ali perto do Mangaraí. E, tateando o espaço, estendia a mão para o outro lado do rio: — Não vê um casarão lá no fundo? Foi ali que me fiz homem, na fazenda do Capitão Matos, defunto meu sinhô, que Deus haja!

O estrangeiro, acompanhando o gesto, apenas divisava ao longe um amontoado de ruínas que interrompia a verdura da mata.

E a conversa foi continuando por uma série de perguntas de Milkau sobre a vida passada daquela região, às quais o velho respondia gostoso, por ter ocasião de relembrar os tempos de outrora, sentindo-se incapaz, como todos os humildes e primitivos, de tomar a iniciativa dos assuntos. Ele contou por frases gaguejadas a sua triste vida, toda ela um pobre drama sem movimento, sem lances, sem variedade, mas de quão intensa e profunda agonia! Contou a velha casa cheia de escravos, as festas simples, os trabalhos e os castigos... E na tosca linguagem balbuciava com a figura em êxtase a sua turva recordação.

— Ah, tudo isto, meu sinhô moço, se acabou... Cadê fazenda? Defunto meu sinhô morreu, filho dele foi vivendo até que Governo tirou os escravos. Tudo debandou. Patrão se mudou com a família para Vitória, onde tem seu emprego; meus parceiros furaram esse mato grande e cada um levantou casa aqui e acolá, onde bem quiseram. Eu com minha gente vim para cá, para essas terras do seu coronel. Tempo hoje anda triste. Governo acabou com as fazendas, e nos pôs todos no olho do mundo, a caçar de comer, a comprar de vestir, a trabalhar como boi para viver. Ah! tempo bom de fazenda! A gente trabalhava junto, quem apanhava café apanhava, quem debulhava milho debulhava, tudo de parceria, bandão de gente, mulatas, cafuzas... Que importava feitor?... Nunca ninguém morreu de pancada. Comida sempre havia, e quando era sábado, véspera de domingo, ah! meu sinhô, tambor velho roncava até de madrugada.

E assim o antigo escravo ia misturando no tempero travoso da saudade a lembrança dos prazeres de ontem, da sua vida congregada, amparada na domesticidade da fazenda, com o desespero do isolamento de agora, com a melancolia de um mundo desmoronado.

— Mas, meu amigo, disse Milkau, você aqui ao menos está no que é seu, tem sua casa, sua terra, é dono de si mesmo.

— Qual terra, qual nada... Rancho é do marido de minha filha, que está aí sentada, terra é de seu coronel, arrendada por dez mil-réis por ano.

Hoje em dia tudo aqui é de estrangeiro, Governo não faz nada por brasileiro, só pune por alemão...

Num estremecimento, o preto velho, com o olhar perdido no vácuo, a mão estendida fazendo gestos tardos e incertos, prosseguia no seu monólogo:

— Vosmecê vai ficar aqui? Daqui a um ano está podre de rico. Todos os seus patrícios eu vi chegar sem nada, com as mãos abanando... E agora? Todos têm uma casa, têm cafezal, burrada... De brasileiro Governo tirou tudo, fazenda, cavalo e negro... Não me tirando a graça de Deus...

E os seus olhos tristes obscureceram-se. A névoa que os cobria tornou-se mais densa, como que sobrecarregada agora da pesada visão da conquista da terra pátria pelos bandos invasores.

Seguiu-se um opressivo silêncio. Milkau recolhia o eco daquele queixume de eterno escravo, daquela mal definida resignação dos esmagados. Havia alguma coisa de aleijão nesse protesto, e a incapacidade de uma expressão livre e elevada fazia crescer a angústia. O velho continuava meneando a cabeça e resmungando um choro. A figura da filha, de uma indolência sinistra, dava maior opressão a tudo... Milkau sentia um estrangulamento, como se o peso de toda a responsabilidade da sorte daquela gente caísse também sobre ele. Lá dentro de si mesmo batia-se em vão para encontrar a claridade de um sentimento, a limpidez de uma palavra consoladora. Nada achou. Num gesto contrafeito despediu-se.

— Adeus, até à vista, meu velho.

O preto abanou-lhe a mão. Os outros da família ficaram quietos, apatetados.

Milkau caminhava pela grande luz da manhã, agora de todo inflamada. Os ventos começavam a soprar mais espertos e como que agitavam as almas das coisas, arrancando-as do torpor para a vida. O rio descia em direção contrária à marcha dos viajantes, e esses movimentos opostos davam a impressão de que toda a paisagem se animava e docemente ia desfilando aos olhos do cavaleiro. A fazenda, lá no alto, sumia-se no fundo do longínquo horizonte, o imigrante notava o manso desenrolar do panorama, como o de fitas mágicas: casas de moradores, homens, tudo ia passando, rolando mansamente, mas arrastado por uma força incessante que nada deixava repousar.

A estrada se alargava, outras vinham aparecendo, desconhecidas, infinitas e incertas, como são os caminhos do homem sobre a terra. A brisa fresca encanava-se pelas duas ordens fronteiras de colinas paralelas ao rio e trazia ao encontro do viajante um mugido sonoro de cascata. O rolar do Santa Maria batendo sobre pedras amontoadas, despedaçando-se como um

louco nas lajes, aumentava; e as suas águas revoltas, espumantes, reco-lhiam e reverberavam a luz do sol, como um vacilante espelho. Milkau via ao longe, na mata ainda fumegante de névoas, uma larga mancha branca. Na frente o guia, estendendo o braço, gritou-lhe: — Porto do Cachoeiro.

Milkau, como se despertasse, respirou sôfrego, o corpo se lhe agitou e estremeceu nessa ânsia de quem penetra na terra desejada; mas o sangue em alvoroço saudou a aparição do povoado; os nervos, a vontade transmi-tiam um fluido ativo ao lerdo animal, que, ao sopro da viração, ao contato dos lugares próximos à cidade, fim das suas jornadas, também se transfor-mou em vida; e agora, de narinas escancaradas, bufando, sacudia as crinas, relinchava asperamente, mordía o freio, curvava o pescoço e acelerava brioso o passo.

Então, de uma pequena elevação que ia galgando, Milkau, o olhar espriado na paisagem, dominava a povoação apertada entre a montanha e o Santa Maria. Cheia de luz, com a sua casaria toda branca, em plena gló-ria da cor, da claridade e da música feita dos sons da cachoeira, represa do fêrvido rio que se liberta em franjas de prata, a cidadezinha era naquele deli-cioso e rápido instante a filha do sol e das águas.

Os viajantes continuavam apressados; as primeiras casas iam che-gando: eram pobres habitações, como soltas na estrada para saudarem alvissareiras os viandantes. Mirando-as atentamente, Milkau observou que essas casas eram moradas de gente preta, da raça dos antigos escravos, e adivinhou-os batidos pela invasão dos brancos, mas ainda assim procuran-do os derradeiros e longínquos raios do calor humano, e deitando-se à soleira das cidades, para eles estrangeiras e proibidas.

Os viajantes desceram a rampa e foram ter a uma porteira, que o pequeno, tomando a frente, escancarou para dar passagem a Milkau. Entravam agora mais devagar na cidade.

— Onde se apeia, patrão? perguntou solícito o guia.

— Em casa do Sr. Roberto Schultz. Conhece?

— Ah! nhor sim, quem não sabe?... O maior sobrado da cidade...

Domingo passado levei também um moço para lá.

Os cavalos arfavam, dando à marcha fatigada uma sensação de movimentos irregulares, como se descessem com medo montanhas pedregosas; uma espuma abundante ensopava-os, e, abandonados de rédeas, iam tropeçando nas pedras soltas da rua. Os olhos de Milkau tinham os estremecimentos das passagens bruscas dos panoramas con-trários; não possuíam fixidez nem calma para precisar qualquer observa-ção, apenas guardavam na retina inconsciente a vaga sensação de uma cidadezinha alemã no meio da selva tropical. Ao espírito do imigrante desceu uma confusa e tênue recordação de outros tempos, ao entrever

essa população toda branca, e ao sentir a irradiação do sol batendo sobre as cabeças das crianças, como refulgentes chapas de ouro.

Chegados a um grande sobrado, o guia pulou lesto do cavalo e ajudou Milkau a apear; despediram-se como bons amigos, e, enquanto o viajante penetrava na loja, o menino voltava com os animais. O armazém de Roberto Schultz era vasto. Tinha quatro portas de frente, e as mercadorias inúmeras davam-lhe uma feição de grandeza e opulência. Ali se negociava em tudo, em fazendas, em vinhos, em instrumentos de lavoura, em café; era um desses tipos de armazém de colônia, que são uma abreviação de todo o comércio e conservam, na profusão e multiplicidade das coisas, certo traço de ordem e de harmonia. A loja àquela hora já estava cheia de gente, e Milkau, para chegar até ao balcão, foi desviando os fregueses ali amontoados em pé, todos indecisos, pesados, brancos e tardos alemães.

Disseram a Roberto que havia um viajante à sua procura, e imediatamente Milkau foi conduzido ao escritório, onde um homem taurino e barbado o recebeu. O imigrante entregou-lhe uma carta de apresentação, que ele principiou a ler, interrompendo-se de vez em quando para fitar o recém-chegado. Dos olhos deste baixava uma claridade suave, uma calma dominadora, que perturbava o velho negociante, ora a ler, ora a mirar pensativo e aborrecido. Afinal, dobrou vagaroso a carta e pôs-se a tamborilar na secretária.

— Então, disse por dizer, vem com a ideia de ficar aqui?

Milkau afirmou essa resolução. Roberto começou a aconselhá-lo a que não se decidisse antes de ver bem as coisas por si.

— Isto aqui é triste e enfadonho. Vai-se aborrecer, afianço-lhe... Talvez fosse melhor ir para o Rio ou São Paulo. Aí, sim, são os grandes centros de comércio, onde acharia um emprego com facilidade. A colônia é um engano; noutro tempo ganhava-se algum dinheiro, porém agora os negócios não marcham...

— Mas... quis interromper Milkau.

Roberto não o atendia e continuava a arredá-lo, com as suas palavras, para longe do Cachoeiro.

— Na minha opinião, o senhor deve voltar hoje mesmo; nós estamos abarrotados de pessoal. Aqui em minha casa tenho gente demais, que vou despedir; em nenhuma casa de negócio da colônia o senhor se pode empregar. Que vale hoje o comércio com os impostos, com o câmbio, e com as contribuições da política?... porque nós aqui, apesar de estrangeiros, ou talvez por isso mesmo, somos os que sustentamos os partidos do Estado. As eleições não tardam, por aí já devem vir os chefes da Vitória, temos de hospedá-los, dar festas, arranjar eleitores; ora, tudo isto nos vai empobrecendo: o que se ganha é uma miséria para esses extraordinários...